



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP  
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL  
LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**SEBASTIANA BRAGA FERREIRA**

**O ESPAÇO DE DESIGUALDADE EM *DIÁRIO DE BITITA*, DE CAROLINA MARIA  
DE JESUS**

**PATU  
2020**

SEBASTIANA BRAGA FERREIRA

O ESPAÇO DE DESIGUALDADE EM *DIÁRIO DE BITITA*, DE CAROLINA MARIA  
DE JESUS

Monografia apresentada à Universidade do estado do Rio Grande do Norte (UERN) como requisito obrigatório para obtenção da graduação em Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Francisca Laila Ribeiro Pinto

PATU  
2020

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

F383e Ferreira, Sebastiana Braga

O espaço de desigualdade em Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus. / Sebastiana Braga Ferreira. - Patu, 2020.

44p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Bitita. 2. Cânone literário brasileiro. 3. Carolina Maria de Jesus. 4. Espaços de desigualdades. 5. Mulheres negras. I. Pinto, Francisca Lailsa Ribeiro. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

**SEBASTIANA BRAGA FERREIRA**

**O ESPAÇO DE DESIGUALDADE EM *DIÁRIO DE BITITA* DE CAROLINA  
MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras – DL, do Campus avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovada em: 08/12/2020.

Banca Examinadora

Francisca Lailsa Ribeiro Pinto

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Annie Tarsis Moraes Figueiredo

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Annie Tarsis Moraes Figueiredo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

À minha avó materna.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe Maria de Fátima Ferreira pelo incentivo e que apesar de suas preocupações sempre esteve ao meu lado como um antídoto contra o desânimo nas horas mais críticas. Da mesma forma, ao meu irmão João Batista Braga que constantemente me auxiliava em relação às ferramentas tecnológicas no período de estudo, e obrigado também à José Teixeira pelo apoio e ajuda do início ao fim desse caminho.

E seguindo, sou grata em especial à professora/orientadora e mestra Francisca Laila Ribeiro Pinto pela confiança e apoio durante essa caminhada, não só no período da pesquisa, mas em todo o trajeto acadêmico. Gratidão ao terceto (Sara, Agnely e Walisson) com os quais compartilhei momentos de risos, choro, aflição, dentre outras sensações vividas nesse pequeno espaço-tempo.

Meus agradecimentos também as/os professoras/es da UERN sempre auxiliando de diversas maneiras nesse construir conhecimentos, bem como a todas/os que fazem parte da instituição. Igualmente as professoras Annie Tarsis Moraes Figueiredo e Maria Karoliny Lima de Oliveira pela colaboração nessa pesquisa, e aos colegas que compartilharam cotidianamente experiências/vivências.

“[...] Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentimentos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia.” (EVARISTO, 2017, p. 110).

## RESUMO

Na presente pesquisa analisaremos os espaços de desigualdades, no romance contemporâneo *Diário de Bitita* (2014), da escritora Carolina Maria de Jesus. Problematizaremos o espaço não só como noção geográfica, mas como lugar de pertencimento, bem como o viés de que algumas literaturas de autoria feminina são esquecidas, nesses espaços de exclusão de escritoras. Para tanto, mostraremos como são os deslocamentos da protagonista Bitita saindo da favela para a metrópole em meio a toda a aglomeração urbana, sua vivência na tentativa de encontrar a sua voz, e desse meio fazer parte, a partir do seu espaço negado. Nosso referencial teórico é pautado nos estudos de Rita Schmidt (2017), sobre a importância de estudar obras esquecidas, Bell Hooks (2017) sobre a educação e a formação dos sujeitos, Doreen Massey (2008) com os espaços de inter-relação, construções e vivências nos lugares em formação, Spivak (2010) com a subalternidade e a falta de espaço para as mulheres ser ouvidas, Grada Kilomba (2019), com a construção em coletivo para as vozes subalternas de diferentes perspectivas, Regina Dalcastagnè (2012) acerca da produção dos indivíduos, com os percalços das mulheres negras nos espaços urbanos, Silvio Almeida (2019) com a questão do trabalho visto de forma diferente para os sujeitos, dentre outros pesquisadores. Esse estudo de cunho teórico-crítico fomenta algumas inquietações sobre o campo literário brasileiro de autoria feminina e o meio social que marca a divisão de quem pode ou não falar, tendo uma mulher negra como protagonista. Nossa proposta é verificar, portanto como se desenrola essa desigualdade nos espaços de trabalho e da educação, sobretudo no que concerne a protagonista em meio à exclusão social no trajeto do interior para a metrópole, o que constrói as teias de convivências de Bitita.

**Palavras-chave:** Bitita. Cânone literário brasileiro. Carolina Maria de Jesus. Espaços de desigualdades. Mulheres negras.

## ABSTRACT

In this current research, we will analyze the Inequality of place in the contemporary novel *Diário de Bitita* (2014), by Brazilian writer Carolina Maria de Jesus. We will problematize space not only as a geographical notion, but also as a place of belonging, as well as the bias Brazilian literary canon with an exclusionary bias in relation to women's literature. Therefore, we will show how the protagonist Bitita moves from the poor urban space called Brazilian favela to the metropolis, amid all the urban agglomeration, her experience in trying to find her voice, and to be part of it, from her denied space. Our theoretical framework is based on the studies of Rita Schmidt (2017), talking about the importance of studying forgotten works, Bell Hooks (2017) talking about the education and training of subjects, Doreen Massey (2008) with the spaces of interrelation, constructions and experiences in the places in formation, Spivak (2010) with the subordination and the lack of space for women to be heard, Grada Kilomba (2019), with the collective construction for the subordinate voices from different perspectives, Regina Dalcastagnè (2012) about the production of individuals, with the mishaps of black women in urban spaces, and Silvio Almeida (2019) addressing the issue of work that is seen differently for each subject. Finally, this theoretical-critical study brings some concerns about the Brazilian literary field of female authorship and the social environment that marks the division of who can or cannot speak, with a black woman as the protagonist. Our main proposal is to verify how this inequality in spaces unfolds, especially with regard to subordination in the midst of social exclusion on the way from the poor urban area to the metropolis, which builds Bitita's web of coexistence.

**Keywords:** Bitita. Brazilian literary canon. Carolina Maria de Jesus. Inequality of place. Black women.

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1 A LITERATURA QUE NÃO ESTA NO CÂNONE E O ESPAÇO.....	13
1.1 Repensar o cânone da literatura brasileira.....	14
1.2 O espaço da favela <i>versus</i> o espaço da metrópole.....	18
2 A DISTINTA DESIGUALDADE: EDUCAÇÃO FORMAL E TRABALHO.....	24
2.1 O espaço de desigualdade: educação e trabalho.....	25
2.2 “Pode a subalterna falar” no espaço de desigualdade?.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na literatura brasileira contemporânea, o estudo sobre os espaços dinâmicos, móveis, com narrativas que apresentem personagens que modifiquem os lugares tem crescido no decorrer das últimas décadas desde o final do século XX. E com isso, agregando perspectivas das mais diversas no campo literário, bem como pesquisas de autoria feminina que dialoguem com mulheres protagonistas trazendo as várias vozes.

Nessa pesquisa, analisaremos o espaço de desigualdade entendido a partir do acesso ao trabalho e à educação formal. Argumentaremos que os deslocamentos da personagem Bitita, no romance *Diário de Bitita* (2014), de Carolina Maria de Jesus, mobiliza questões sociais e entendemos que a obra conta a vida da protagonista desde sua infância em Sacramento (Minas Gerais), até São Paulo. Além da ideia de problematizar o próprio cânone da literatura brasileira que ainda tenta ditar o que deve ser estudado. E com estas ideias, discutir como a negação dos espaços provoca a exclusão social da protagonista.

O *Diário de Bitita* (obra póstuma) foi escrito pela mulher negra Carolina Maria de Jesus, uma mineira que nasceu em Sacramento (Minas Gerais, em 14 de março de 1914) e depois de alguns anos passou a residir em São Paulo. E que apesar das dificuldades e da negação enquanto escritora, continuou a insistir na escrita de ficção, como mostra sua trajetória. Em alguns momentos, precisou ser catadora de papel, como cita no romance *Quarto de Despejo*<sup>1</sup>. Teve uma vida com altos e baixos, mas que deixou diversos romances, diários, poemas dentre outros escritos.

O romance que por ora nos debruçaremos de Carolina de Jesus demorou um pouco para chegar ao Brasil, pois *Diário de Bitita* foi primeiro publicado no ano de 1982 em francês com o título *Journal de Bitita*<sup>2</sup>. Dessa maneira, apesar de ser uma escritora brasileira, só tivemos contato com essa narrativa depois de algum tempo de se fazer primeiro romance na França.

O estudo sobre o cânone literário brasileiro e da literatura de autoria feminina com mulheres negras enquanto protagonistas tem provocado tanto uma nova

---

<sup>1</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ilustração Vinicius de Rossignol Felipe. 10 ed. São Paulo, Ática, 2014.

<sup>2</sup> Segundo o prefácio do professor Uelinton Farias Alves em *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, 2014.

configuração nas pesquisas acadêmicas, bem como questionamentos diversos acerca da história brasileira. Com isso, essa outra perspectiva de repensar o cânone a partir do espaço de desigualdade é um recontar a história esquecida por séculos.

Nesse sentido, quanto à protagonista Bitita, vale acrescentar, como divergem as representações de mulheres na ficção, se brancas como delicadas, meigas, frágeis, à espera do herói, e se negras invisíveis, jogadas para o quintal, de determinada classe social (baixa). Com isso, entendemos que o lugar também problematiza o sobreviver, de ser gente nos diferentes espaços (escolar e de trabalho), como o contexto da protagonista apresentado no romance.

Assim, mesmo aparecendo em alguns textos narrativos, esses ainda seguiam uma homogeneidade branca quanto às protagonistas, mostrando as mulheres negras como apenas escravas, amas, donas de casa. Por isso, e por toda história que representam, faz-se necessário um estudo com o olhar atento para a presente narrativa de uma escritora negra, com sujeitos representando-os.

Outro aspecto é: qual o lugar que alguns sujeitos da classe social baixa ocupam em meio à sociedade? E quais as possibilidades desses indivíduos diante das desigualdades dos espaços? Como o contexto da protagonista é apresentado no romance de memórias? O intuito é verificar algumas dessas inquietações, para problematizar que o lugar de inserção da mulher negra expressa o envolvimento da educação e do trabalho para possibilitar outras oportunidades, e não só o espaço como noção geográfica, mas como lugar de pertencimento.

Para isso, no primeiro capítulo: *A literatura que não está no cânone e o espaço*, na compreensão de repensar acerca do cânone brasileiro, os estudos de Rita. T. Schmidt (2017) embasam essa abordagem sobre o esquecimento de estudos de autoria feminina com protagonistas negras, nos serviremos ainda dos estudos de Regina Dalcastagnè (2012), sobre o espaço urbano com sua mobilidade e transformação, para o deslocamento da protagonista em meio a esse fluxo e toda essa movimentação do interior à metrópole, e também a leitura de Massey (2008) sobre o espaço de inter-relação, do trajeto de personagens, uma vez que esse lugar está sempre em construção, com as várias vivências em simultâneo, tudo ocorrendo ao mesmo tempo, um espaço movente.

No segundo capítulo: *A distinta desigualdade: educação formal e trabalho*, abordaremos assim, a desigualdade e a sua relação com o trabalho e a educação formal no contexto da personagem. Para tanto, com o pesquisador Silvio L. de

Almeida (2019) compreendemos a ideia do trabalho como elemento norteador da relação de produção dos sujeitos enquanto mérito, e como esse não funciona para as mulheres negras pelas várias dificuldades e julgamentos enfrentados. Com Bell Hooks (2017) adentramos na educação formal, mostrando que a liberdade dos indivíduos de classes passa pela educação, essa engajada, a partir do convívio das posições sociais.

Com relação também ao segundo capítulo, concluímos os argumentos com os estudos de Spivak (2010) e a questão da subalternidade dos sujeitos, da necessidade de serem escutados e da sociedade fazer parte, atrelados a isso têm os estudos de Grada Kilomba (2019), com o posicionamento de construirmos junto os espaços para as vozes subalternas, pois os que estão às margens têm outros pontos de vista. Assim, essas pesquisadoras irão nos ajudar a compreendermos a subalternidade e a falta de espaço para Bitita falar por si, e a falta desse espaço fomenta como alguns sujeitos são vetados no lugar de seu protagonismo.

Dessa maneira, esses estudiosos, dentre outros, embasam essa pesquisa de cunho teórico-crítico em que aborda conceitos teóricos desses pesquisadores, a partir da leitura crítica do romance *Diário de Bitita* bem como sobre algumas das inquietações de como a sociedade é marcada pela divisão de quem pode ou não falar.

A pesquisa visa argumentar um viés de análise sobre o *Diário de Bitita* (2014), de Carolina Maria de Jesus, trazendo como foco o espaço de desigualdade envolvendo a educação e o trabalho em contrapartida com questões de repensar o cânone na narrativa de autoria feminina com mulheres negras, sendo Bitita protagonista, e assim, contribuir para outras pesquisas acadêmicas acerca da literatura contemporânea, como essa de Carolina de Jesus.

## 1 A LITERATURA QUE NÃO ESTÁ NO CÂNONE E O ESPAÇO

Ao escrever *Diário de Bitita* (2014), a escritora Carolina Maria de Jesus nos apresenta uma personagem que, mesmo sendo criança, no início da narrativa, questiona o mundo a sua volta, Bitita nos faz repensar sobre o convívio familiar e também no estrato social e essa nuance, dentre outras, ocorrem nesse romance (de cunho memorialístico) quando a protagonista em seu caminhar saindo do interior mineiro de Sacramento e nos apresentando a metrópole paulista.

Dessa forma, este primeiro capítulo de análise adentra no estudo sobre a categoria espaço a partir dos lugares percorridos por Bitita, assim o espaço da favela *versus* o espaço da metrópole, percorrido pela protagonista bem como por sujeitos diversos, com as desigualdades presente nesse meio heterogêneo, em que os diversos lugares que traz o fascínio de uma vida melhor para ela vai aos poucos ganhando sombras espessas no cotidiano da “cidade grande”.

Dessa maneira, em meio a esse desbravar, a cidade multifacetada irá se revelando. Com isso, ainda neste capítulo repensaremos acerca do cânone literário brasileiro com uma literatura escrita por uma mulher negra, Carolina Maria de Jesus, para contextualizar a relevância de novos vieses de análises dessas narrativas de autoria feminina esquecidas seja pelo meio acadêmico ou qualquer outro espaço.

Utilizaremos o estudo de Rita. T. Schmidt (2017) sobre a importância da crítica literária feminista em fazer um balanço para que vários outros romances sejam estudados, em academias ou outros lugares. A leitura crítica de Regina Dalcastagnè (2012) com noções sobre espaço urbano, a imensidão da cidade e a heterogeneidade de sujeitos. E também com as pesquisas de Doreen Massey (2008) problematizando a espacialidade, com características bem distintas, pois existem inter-relações, vivências, movências ocorrendo em simultaneidade em todos os lugares.

Para tanto, analisar essa narrativa com a protagonista Bitita envolve diretamente a dificuldade de pesquisa acadêmica invisibilizadas, de narrativas escritas por autores e autoras negras, em especial quando se fala da cidade, das mulheres percorrendo lugares. E isso é significativo, quando o protagonismo dessas histórias é traçado pelo não-pertencimento em alguns espaços.

## 1.1 Repensar o cânone da literatura brasileira

A literatura brasileira contemporânea, precisamente com o romance de Carolina, analisa o passado, presente e a possibilidade do futuro nos vários espaços de cada época, o que fomenta um novo ponto no trajeto em meio a algumas das desigualdades presentes no cotidiano. Ou seja, o texto literário que poucos enxergam, mas que tem sim marcas escondidas no escuro que vai além das fronteiras do visível, o que pode ser percebido e vislumbrado com esses escritos.

Para tanto, como nos descreve Dalcastagnè (2012), no decorrer das décadas, novos ecos (ruídos de novas vozes) surgiram com reverberações que levantaram certos questionamentos e incomodaram os que não comungam com determinadas ideias por causar modificações no lugar predestinado “aos doutores”. No entanto, percebemos que os causadores das ideias estavam, na verdade, invisibilizados em um sistema social que não contemplam suas vivências e, logo, não tínhamos acesso a essas vozes.

Por isso, quebrando com algumas dessas barreiras acerca da invisibilidade de escritos, os escritores ao se afirmarem e contestarem os direitos e o lugar devido enquanto indivíduos notam que aquilo que não cabia na literatura brasileira passa a ser considerável. E mais, saindo da invisibilidade para a visibilidade e criando teias, ligamento em pontos diversos, seja do conhecimento em humanas, códigos, com cursos acadêmicos, seja em outros espaços.

Assim, revisitar uma obra que por um tempo foi desvalorizada e até mesmo desconhecida não é uma tarefa simples, pois no decorrer da história até chegar a esses anos dois mil e muitos discursos com teor diversos, fez-se presente a obrigatoriedade de entender as possibilidades desses olhares de fora para acompanhar essas questões. Com isso, muitas escritoras ainda precisam gritar para serem percebidas em determinados espaços políticos causando tribulações para aqueles que querem manter seus espaços “limpos”, apagando algumas narrativas literárias.

Com esse contraponto, de repensar sobre o cânone literário brasileiro, buscamos mostrar as mulheres negras e pobres pelo espaço urbano, na tentativa de também visualizar as narrativas de autoria negra, como Conceição Evaristo com o romance *Ponciá Vicêncio* (2017), Miriam Alves com *Maréia* (2019), e provocar a

incursão por meio de Carolina Maria de Jesus com *Diário de Bitita* (2014), entre tantas outras autoras negras que estão questionando a tradição literária. É a partir da escrita de Carolina que entenderemos o porquê de determinadas obras não caberem no cânone brasileiro, originalmente branqueado e de determinada classe social. Da mesma forma, as narrativas seguem uma linha sem muitos desvios, o que se faz necessário um estudo crítico sobre o *Diário de Bitita* escrito com um olhar do centro da margem.

Com Bitita, enxergamos seu mundo a partir da exploração dos outros, seja através do seu conhecimento, da sua capacidade de observação, de sua leitura, como podemos aludir no trecho literário: “Fui escrevendo o que ouvi e entreguei-lhe” (JESUS, 2014, p.187). O que está em questão é a perspectiva de que prestar a sua eficiência condiz ao entendimento de “ajudar” seus patrões, de não perceber o seu direito, de não ser compensada pelo seu esforço, de não receber nada em troca por seu trabalho, mas apenas de servir em lembrar a senha para abrir o cofre: “Abriu. Foi procurar-me na cozinha. – Dona Carolina, a senhora pode ir-se embora” (JESUS, 2014, p. 187). O que socialmente é naturalizado, a negra serve aos patrões e quando não, Bitita é demitida.

A partir disso, e da falta de um olhar sensível para as experiências de vida da mulher negra, advinda das narrativas, podemos compreender a tradição literária. Dela, só nos resta descrever outro cenário a partir do protagonismo de uma mulher negra que ia contra aos estereótipos sociais, aos rótulos que a sociedade insiste em agregar a alguns sujeitos. Além de mostrar as poucas oportunidades dos indivíduos que ainda vivem na obscuridade, o ir além das margens e dos espaços que antes não lhes convêm, passando assim a terem voz.

Do mesmo modo, outra dificuldade, que envolve as autoras negras, é a sua ausência de registros no espaço da cidade. O que está em evidência é a perspectiva social de Carolina Maria de Jesus como um eu-coletivo que reflete diretamente a experiência que possuem, e a história derivada dessa posição. Assim, na narrativa, mulheres e homens negros vão expressar o mundo permeado de agressões simbólicas e percebendo quem não pode falar nele, os subalternizados. Nesse sentido, os escritos que “fogem” do cânone idealizado como a obra *Ponciá Vicêncio* (2017), de Conceição Evaristo, que também narra a história de uma mulher negra como Bitita, reivindicam a autenticidade de protagonismo.

É necessária uma Bitita para “rasgar” ao mundo aquilo que não pode ser dito com tantos anos de escravidão. Tanto Carolina Maria de Jesus quanto Conceição Evaristo constroem protagonistas que oferecem, ao leitor, sua opinião sobre o mundo desigual, dos espaços demarcados pelo servir e com poucas oportunidades na vida. As razões das protagonistas vão desde a violência física até o preconceito psicológico que sentem das pessoas em volta.

Nesse sentido, merece ainda a nossa atenção o espaço acadêmico, como os cursos de humanas e outros também, como frisa Rita T. Schmidt com a: “validação universal” (2017, p.29), que por determinados momentos, no decorrer do tempo, a obra literária configura com a noção de belo e a ênfase de que o estudo, a leitura, a análise dos romances de um específico escritor teria mais notoriedade.

Muito embora com o passar das décadas, essa ideia foi se enfraquecendo, e o sentido de “beletrista” da literatura, como o romance literário, tomou novos rumos. No entanto, ainda se faz necessário repensar, reescrever, reinventar novos pensamentos, novas posições, passando a discutir o cânone, uma vez que há muitos caminhos a percorrer com suas diversas Bititas.

Consoante com a pesquisadora Schmidt (2017), algumas pesquisas são benéficas quanto às produções de autoria feminina, pois essas linhas de estudo se apresentam de suma importância para reequilibrar a balança da historiografia literária brasileira. No entanto, apesar de cada lado, o centro (cânone tradicional) e as margens (a releitura do cânone) com suas características podem refletir a potência das narrativas a partir das recuperações de obras supostamente esquecidas.

Então, retirar a capa camufladora dessas narrativas femininas, para que todos vejam a forma real, é uma escolha política e interessante em contraponto à formação discursiva dominante, cujos efeitos se apresentam em tantos outros invisibilizados, ainda encoberta por um véu de cegueira. Por isso, o texto literário de Carolina Maria provoca questionamentos sobre os conhecimentos construídos a partir de uma experiência de um determinado lugar, trazendo noções sobre o protagonismo das margens, da visibilidade de repensar o cânone brasileiro, especialmente, a partir das escritoras negras.

No que concerne à personagem protagonista Bitita, essa não se caracteriza com os estereótipos presentes na ficção romanesca ao retratar a figura da mulher negra. Da memória da historiografia brasileira, tais personagens aparecem sendo

apenas amas, donas de casa, escravas, de classe social baixa, assim com uma posição econômica precária. Reinscrevendo esse passado a partir do lugar presente, o romance em análise, mostra a protagonista tentando ir além dos espaços autorizados, mas que o efeito ainda não é o esperado, pouco se ouve a sua voz. É oportuno lembrar que essa fica asfixiada em meio à desigualdade, o que também opera com as reflexões do sujeito construído pelas forças da subalternidade.

Para tanto, diante dessas afirmações, vamos adentrando as representações permeadas pela memória acerca do cânone brasileiro, revelando que o centro e a margem da sociedade são mostrados como lugares históricos, políticos e discursivos, como aponta Schimdt (2017). No entendimento de que a literatura, considerada marginal não é apenas o que muitos conhecem, mas vai além, pois existem e existirão muitos romances literários de diversos autores, cada um com sua bagagem. Afinal, várias são as obras que merecem seu lugar de direito, seja na sala, nas estantes, nas bibliotecas, nos estudos críticos das academias, entre tantos outros espaços.

Sabemos o quanto a memória opera no campo literário e, sem dúvida, ao adentrarmos à escrita de Carolina Maria de Jesus, em o *Diário de Bitita*, a questão social/cultural permeia a discussão sobre pertencimento ao lugar, ao passado nacional. Nessa direção, o referido romance contemporâneo narra à história de Bitita, protagonista negra, pobre e brasileira, desde sua infância em Sacramento, interior de Minas Gerais, até a fase adulta, em um vai e vem na busca de trabalho na cidade grande, pretensamente o desbravar da margem à metrópole de São Paulo.

Assim, bem antes disso, acrescentamos ainda que esse desbravar até a metrópole, esse novo espaço configura para a personagem o encontro com a diversidade cultural e social, pois são citadas no romance as várias nacionalidades dos personagens e que essa heterogeneidade de sujeitos e lugares na narrativa tem hostilidade e exclusão de classes.

Ademais, veremos que o espaço de desigualdade de Bitita começa com os familiares, os vizinhos, “em casa” para depois “chegar os de fora”, ou seja, o grupo de confronto com a quebra de imaginário da cidade em busca de melhores condições. Além de percebermos como a exclusão e subalternidade que permeiam a subjetividade da personagem aparecem a partir dos deslocamentos e das inter-relações com os outros.

Assim, voltando para o caso da escritora Carolina Maria de Jesus, como um breve percurso sobre sua trajetória, sobre o seu caminhar, e o seu não-lugar no registro da literatura brasileira, nascida em uma família humilde e bastante numerosa, sempre teve o desejo de “escrever<sup>3</sup>” suas experiências, o que no decorrer de sua vida continuou “devorando” livros dos mais variados gêneros com o romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães. O romance em destaque ilustra questões relacionadas aos excluídos e silenciados da história. É nesse sentido que a historiografia literária passa a repensar a memória da academia e suscitar novas pesquisas para acrescentar a fortuna crítica literária a partir dessas novas vozes que vão sendo republicadas, (des)construindo a história literária brasileira.

Além disso, essas perspectivas são de suma importância para os estudos e as pesquisas acadêmicas, pois a partir da ficção que surgem os vários questionamentos possíveis. Assim, interessa para nós, não ficar apenas no quintal, mas ir além, sair da margem periférica e chegar ao centro para que as vozes cheguem ao máximo que todos possam escutá-las. Não somente as suas dores sejam ouvidas, reconhecidas, mas também suas experiências, seus sonhos, de ser reconhecida e famosa, que suas vozes e tudo que esteja presa em suas gargantas possa se libertar definitivamente e isso se faz, dentre outras maneiras, repensando a literatura brasileira a partir do cânone branco e homogêneo.

Nesse percorrer de estudos, de repensar sobre o cânone literário brasileiro, com escritas de mulheres negras a partir do *corpus* de análise *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, revela-se uma memória coletiva configurada como lembrança e ao mesmo tempo como um esquecimento. Assim, nesse interim, vamos seguir com o protagonismo de Bitita, por excelência dos deslocamentos, percorrendo os espaços que caracterizam a desigualdade social e cultural e as sensações de uma mulher negra e periférica, saindo do interior até o espaço da metrópole com uma reflexão histórica sobre a desigualdade que permeia os lugares, inclusive o espaço literário.

## 1.2 O espaço da favela *versus* o espaço da metrópole

---

<sup>3</sup> EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. Releitura, Belo Horizonte, n.23. 2008.

As mobilizações, as andanças, o êxodo rural que, segundo Dalcastagnè (2012), transformou o espaço geográfico e, conseqüentemente, a literatura, acompanhou a movimentação para as grandes cidades. Assim, o espaço na narrativa brasileira é símbolo da vivência social da personagem em contato com os outros nos mais variados lugares e, nesse sentido, o realismo literário das cidades presentes nas narrativas. Mas é também um símbolo de contemporaneidade, o espaço que culmina problematizar as possibilidades ao encontro dos diferentes sujeitos, e que devido a essas transformações nos ambientes urbanos, cheios, agitados, e com heterogeneidade cultural as perspectivas se abrem. Na narrativa, a protagonista Bitita sai do interior para o meio urbano, pois vislumbra todo o suposto progresso da capital, mas afinal o que encontra é agitação, brigas, desigualdades no cotidiano citadino.

Assim, a escritora nos mostra, o fascínio de Bitita pela organização do centro civilizado, mas nem tudo é harmonioso, há desequilíbrio na balança de convivência dos sujeitos. Apesar das possibilidades que uma grande cidade pode oferecer, o espaço urbano configura uma mistura, uma diversidade de fatores, urbanoides, globalizados, com desigualdades, e também segregação nos moldes dos romances. Com isso, a cidade aparece na literatura brasileira por meio dos deslocamentos das personagens femininas, como Bitita e Ponciá que na vida adulta saem em busca de trabalho, vindas de famílias subalternas, do interior, morando em terras alheias.

Com isso, interessa perceber como a cidade funciona para a personagem, como é pensada em relação ao movimento social, como será comprovado as vivências no ato de Bitita em deixar a favela e chegar à metrópole. Mas sobretudo, desvendar como um lugar que para a protagonista constitui um sonho de viver na cidade grande com ótimas oportunidades, mas que ao chegar ao aglomerado urbano descobre o espaço de desigualdade presente ali, passando a trabalhar de doméstica, cozinheira, além de fazer o inverso, retornar a favela, “voltar” às origens de infância, para afastar as dores do passado.

Ademais, a ação de seguir para continuar a existir corrobora com os estudos de Doreen Massey (2008). A pesquisadora elenca três proposições sobre espaço: a primeira sobre a questão de interação entre os sujeitos, a segunda com a ideia de multiplicidade, com uma grande quantidade de pessoas, logo existindo heterogeneidade em meio a toda uma aglomeração, e a terceira com o espaço como uma construção de todos que nele habitam as várias vivências.

A partir do entendimento sobre a ideia de espaço enquanto dinâmico, movente, bem como do constante fluir do tempo, os espaços percorridos pela protagonista são bastante solitários, propiciados por um tempo em constante aceleração, pois o contato humano é quase inexistente pelo relacionamento vazio aferido pelas outras personagens. No romance, Bitita nos mostra esses pontos, pois a história se inicia em uma casa no interior: “A nossa casinha era recoberta de sapê. As paredes eram de adobe cobertas com capim” (JESUS, 2014, p. 13) e vai se desdobrar até chegar à cidade, numa longa sequência de episódios.

Não apenas a ficção de Carolina Maria de Jesus, mas o espaço se faz aberto, como também a personagem em constante devir. Em paráfrase com Massey (2008), a protagonista se desloca para outros lugares, outras conexões que ainda serão feitas, ainda a desabrochar no percurso, em um constante movimento de interação. Tais conexões que podem ser ou não realizadas, diga-se de passagem, são cheias de curvas, de altos e baixos como nos relata Bitita, pois o espaço é um produto de relações, de resultados imprevisíveis e de ligações em simultâneas ausências, assim para que o deslocamento da personagem seja aberto, o espaço também precisa sê-lo.

Desse modo, ao mesmo tempo em que percebemos o espaço como um sistema corrente, também o entendemos heterogêneo, dividido em duas classes: espaço da favela orientado pela segregação de interesses políticos, e espaço da metrópole resultante da solidão e das “grandes oportunidades” capitalistas. Para atingirmos isso, faz-se necessário ainda acrescentar que o texto da escritora Carolina Maria de Jesus difere do modo ficcional de algumas narrativas masculinas (personagens de classe média, médicos, advogados, com poder aquisitivo, frequentadores de grandes cinemas, teatros, bailes), pois Carolina Maria de Jesus apresenta cozinheiras, domésticas, a cadeia, a cozinha e o quartinho no fundo da casa dos patrões, a casa de chão batido, pensões, o campo de lavoura em fazendas alheias em geral de brancos. Assim, como alguns textos do naturalismo brasileiro trazido enquanto aspectos regionalistas.

Longe de afirmar um limite, a escritora traz uma narrativa em que o contexto, o espaço-tempo vai se construindo e se desenrolando como uma teia cheia de conexões, contado por uma narradora que (sobre)vive de dentro das margens. Carolina Maria problematiza um espaço em que muitas “Bititas” reconhecem lugares “palpáveis”, concretos, que potencializam a exploração de pessoas na questão

pública, da mesma forma que tematiza a opressão da mulher em não ser reconhecida além do espaço doméstico.

A atenção ao espaço da favela nos ajuda a entender melhor a configuração espacial em que vivem as personagens, como destaca Dalcastagnè (2012). Em *Diário de Bitita* as transformações dos lugares, da esfera pública e privada, sugerem a representação dos direitos (não) garantidos à personagem. Mas ainda, a segregação imposta nas grandes cidades permite entender a outra classe social vista de “fora”, de dentro das margens com perspectiva diferente da abordada por outros.

Enquanto que o espaço da metrópole é desenhado como uma cartografia por meio do andar de Bitita, com suas teias, suas ligações, suas direções, dentre outras veredas, esse mapa dos espaços reporta a trajetória da protagonista negra que ao entrar em contato com os lugares, socialmente constrói um território que não lhe pertence. É o que no ambiente escolar tecido como desigualdade, pois no primeiro dia de aula ao chegar à escola (Colégio Allan Kardec, Liceu-Sacramento), Bitita não se sentiu confortável ao ver quadros de esqueletos nas paredes e na sala de aula os seus colegas não a tratava com respeito diziam: “Que negrinha feia!” (JESUS, 2014, p. 125), xingavam-na. Assim, a necessidade de olhar o espaço narrativo enquanto construto de um ângulo social.

Esses espaços se tornam ainda mais complexos quando a escritora mineira resolve descrever a movimentação da personagem por meio de seus sentimentos, elencando elementos de exclusão social, encadeado com os espaços “isolados” e esquecidos pelas autoridades, sendo encobertos com a capa da invisibilidade criada pelos poderes da sociedade. Então, para acompanhar o protagonismo da personagem, não basta ver através das frestas do “tecido” dessa capa, mas revelar o que esta antes encobria.

Na favela, em meio a esse espaço de heterogeneidade, a personagem Bitita narra o viver em um lugar com múltiplos sujeitos invisibilizados, com situações cotidianas de segregação, conflitos de classes, dentre outras questões. Para uma mulher negra os conflitos são ainda maiores, o fato de ser obrigada a morar em lugares sem condições de saúde, percebida como um lixo descartável.

Para tanto, o que nos faz observar junto com Bitita os indivíduos no espaço da cidade, quando no trecho traz: “É por isso que eu digo que os fornecedores de habitantes para as favelas são os ricos e os fazendeiros.” (JESUS, 2014, p.141). É

essencialmente revelador perceber o espaço a partir de como vivem os sujeitos, como esses indivíduos acabam morando nesses lugares periféricos, após saírem das terras/fazenda fugindo ou expulsos, em virtude de não terem como voltar para o interior, para o meio rural, ficam jogados na cidade grande à mercê das peculiaridades/regras nesse entendimento de urbanização.

Tanto para Bitita, como para outras pessoas, a importância de ocupar um espaço é sugerir um outro final, como um vislumbrar e traçar uma nova “estória”. Com isso, mesmo com a trajetória vetada na metrópole, a personagem narra um efeito que marca a naturalização de uma coletividade, em que estórias referem à “história, mudança, movimento” (MASSEY, 2008, p. 33), e, sobretudo marca o fluir de tudo, a simultaneidade, uma junção confluindo nos espaços heterogêneos, como se a lógica histórica da sociedade fosse viver harmoniosamente, mas não é.

Na cidade, Bitita é apagada. Temos sequências de trechos com descrições sobre os bairros, como: “as ruas já eram calçadas. A cidade era grande”. (JESUS, 2014, p. 153) e “a casa era numa esquina” (JESUS, 2014, p. 175) bem como sobre o viver das pessoas no centro urbano: “estavam residindo numa casa de telhas. Só eu é que não vou ter a possibilidade de morar numa casa assim”. (JESUS, 2014, p. 151), também em: “fiquei andando até encontrar um jardim. Sentei e fiquei contemplando as nuvens, pensando na casa de mamãe tão distante” (JESUS, 2014, p.169) desses momentos, a descrição comporta o trabalho de servir ao patrão e fazer o que mandam, quando no dia seguinte, após saber/dizer a senha do cofre, ao “senhor doutor” da capital, sem pestanejar, saltam as sensações e os silêncios afloram em não poder ser alguma coisa, como acreditava crer na infância.

Ademais, essas marcas reverberam em outras Bititas esquecidas, enquanto tias, idosas, jovens da mesma esfera social, do mesmo ou parecido contexto da protagonista do romance. E que desse quintal, Carolina Maria de Jesus as recolhe, passando assim não apenas a entreter a leitoras e leitores com aventuras, mas ela tem algo a dizer, o ir além do quintal, em meio a toda a problemática sobre o mundo, dos espaços que mais ameaçam do que oportunizam conexão com a vida.

Claro que a ruptura na percepção de pertencimento, introduzida pelo olhar de Bitita, apesar do desbravar das barreiras, dos muros e das muralhas impedindo o seu continuar, aponta para uma transformação de cenário, a saída da favela que inaugura os deslocamentos da protagonista, muito embora sejam poucos os ventos favoráveis, pois a cidade que deveria ser um “símbolo de sociabilidade humana”,

como nos diz Dalcastagnè (2012, p. 110), não será bem isso que a personagem encontrará.

Portanto, muito mais que uma descrição, a protagonista relata as mulheres negras que saem de suas casas e chegam aos espaços urbanos, em busca de um lugar que as comporte. Assim, a obra estabelece uma discussão sobre como são percebidos esses lugares por quem dele faz parte, como uma grande metáfora em que a água do rio ora fica turva, ora aparentemente limpa, mas sempre em movimento. A ponte que se estende de Bitita até Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo é como esse fluir, procurando, mas tem horas que também busca um lugar fixo para escrever sua história nesses espaços como um novo viés, como lugar de pertencimento.

Para tanto, distinguir o espaço na narrativa contemporânea não é uma simples aplicação de conceito, mas uma complexa tensão que se estabelece a partir da travessia das personagens, em especial da mulher negra. Dessa maneira, temos o espaço da metrópole ambientado para quem pode falar e ser ouvido, no espaço da favela, esta também contida na metrópole, temos a escritora Carolina de Jesus que abre voz para narração de Bitita, precisamente nos ater do modo como se fala, para quem se fala, e saber de onde ela vem, quando no trecho: “Eu não tenho tendência cleptomaniaca, então eu ainda vou ser feliz. Eu não entrei no mundo pela sala de visitas. Entrei pelo quintal. Eu ia vencer porque era outra.” (JESUS, 2014, p.200). A personagem tenta transformar o espaço e se fazer ouvida nesse lugar que a reduz.

Pensar que a personagem Bitita transporta o espaço por meio de seu corpo, vislumbrando este corpo social, com suas dores e cicatrizes próprias de seu tempo e assim, é centrado no deslocar do espaço urbano, no aglomerado, que ela vivencia a ausência de não poder ser, com a falta de oportunidade que uma mulher negra encontra em meio a esses lugares, ou seja, é a desigualdade assumindo o papel na vida da personagem.

Ademais, a protagonista se constitui durante seu trajeto, o que marcar a sua relação de perceber o mundo tomando consciência de que faz parte dele. O confronto entre corpos subalternizados ocupa posições diferentes em uma sociedade demarcadamente repressiva. Assim, iremos (re)interpretar essa realidade distinta nos espaços desiguais. Corriqueiramente, essas desigualdades são naturalizadas nos espaços em que a literatura, ou o olhar aguçado de Carolina Maria de Jesus, pode nos fazer perceber.

## 2 A DISTINTA DESIGUALDADE: EDUCAÇÃO FORMAL E TRABALHO

Na produção literária brasileira, desde a primeira década do século XXI, a propagação de obras sobre pobreza, desigualdade, cultura afro-brasileira sugere o foco como entendemos antes as favelas, em que acomodam vidas específicas de sujeitos. O mapa simbólico de quem produz ou não cultura, no dizer Literatura, justifica-se pela manutenção de políticas que se validam ou repudiam as representações desse corpo social ou dos grupos considerados diferentes.

Pensando nisso, ao analisar as tendências artísticas na contemporaneidade e a relação com a política cultural, a partir, do viés do texto literário questionamos a possibilidade de nos aproximarmos do outro, visto numa situação de desigualdade e não amparado pelos setores governamentais.

A partir disso, observamos como a personagem Bitita desbrava esses espaços ao sair do interior e se relacionar com os consumidores de bens culturais da “alta cultura”, na cidade. Procedimento que diante do transitar de espaços e de relações, das vivências, das exclusões e das trocas subjetivas com outros sujeitos, pode servir como justificativa de mais desigualdades na discussão de quem estabelece o padrão cultural. A protagonista vai se constituindo durante seu trajeto, o que vai marcar profundamente o seu modo de perceber o mundo e dele fazer parte.

Nesse contexto, continuaremos com a aproximação de Bitita das camadas “bem-sucedidas” da população, e neste ponto iremos adentrar um pouco mais na categoria crítica da desigualdade, entendida aqui nas situações de exclusão social da personagem no que se refere à educação formal e ao trabalho desejável, não apenas ser doméstica. Assim, iremos acompanhar algumas motivações de preconceitos que se misturam com a ideia de solidariedade.

Em relação à formação, utilizaremos o entendimento de Bell Hooks (2017), em que entende a educação formal como um almejar de melhores condições para o sujeito, elucidando também que o acesso à educação aprimora o pensamento crítico, e é uma forma de “encarar” o mundo já que não ocorre de forma igualitária para todos os indivíduos, pois os sujeitos do estrato social são heterogêneos.

E quanto ao trabalho, a pesquisa de Silvio L. de Almeida (2019) quando nos fala que a desigualdade no ambiente de trabalho pode ser explicada na

compreensão da sociedade e seus inúmeros conflitos, como a dificuldade para os negros/as terem diferentes condições para conseguirem e se manterem trabalhando por causa das questões políticas, raciais e de gênero. Assim, os obstáculos são enormes em relação a alcançar certos patamares da sociedade no que diz respeito a cargos profissionais para uma mulher negra, como a protagonista do romance em um centro urbano.

Além disso, entendemos a ideia de educação formal e trabalho atrelado à questão de “Pode a subalterna falar?”. Nesse sentido, a pesquisadora Spivak (2010) nos provoca questionamentos, se a protagonista Bitita consegue ter sua voz ouvida nesse espaço de desigualdades. Conectado a isso, Grada Kilomba (2019), amplia a discussão ao responder que é impossível a subalternizada falar, “confinada” à posição de marginalidade, é o que procuramos analisar com o texto de Carolina Maria de Jesus.

## **2.1 O espaço de desigualdade: educação e trabalho**

Na literatura contemporânea, o romance *Diário de Bitita* (2014), de Carolina Maria de Jesus, é um ir além, um quebrar barreiras. Nesse meio no qual tentam jogá-la para a margem, os textos críticos feministas é uma das formas de tirá-la da obscuridade, como nos diz Dalcastagnè (2014, p. 289) “é um ponto de partida obrigatório quando se pretende entender as possibilidades poéticas e políticas desse olhar de fora”.

Para tanto, diante do entendimento do espaço por meio das desigualdades na educação formal e no trabalho, também nos interessa perceber que os textos literários escritos por mulheres negras ainda estão fora do corpo acadêmico. Então, faz-se necessário fazer uma pequena “abertura” nesses percalços, com o intuito de os enfrentar no percorrer de uma pesquisa, como esta literatura de autoria feminina e na “desordem” eurocêntrica.

É claro que a ideia de inclusão permeado na visibilidade se transforma em um pequeno cenário de outras possibilidades no que condiz à produção cultural. Essa perspectiva corrobora na tentativa de analisar um texto literário pouco discutido, com questões que extrapolam os espaços da narrativa, mobilizado nas vidas em comum, sociáveis, com superlotação. Ou seja, um espaço em que todos vivem como

completos desconhecidos, predominantemente em uma teia de relações definida com quem é pobre e quem é rico, na ilusão de que o meio urbano apresenta ser e “caber” todos os sujeitos, mas que não é acessível à maioria, como a protagonista do romance que não tem seus direitos garantidos e que luta para ser reconhecida. No trecho seguinte, para fazer alusão ao tamanho e à diversidade urbana, assim como o não pertencimento ao espaço, narra Bitita:

[...] Me indicaram o asilo. Quando cheguei, fui falar com a irmã Augusta. Citei-lhe as minhas desditas. Já estava com vontade de cortar a minha vida. – Eu sou pobre, além de pobre, doente. As doenças internas não nos impedem de trabalhar, mas as externas sim. Já estava cansada de viver às margens da vida. (JESUS, 2014, p.152).

Essa perspectiva, no entanto, tende a associar o abandono da personagem por parte das autoridades governamentais. Do mesmo modo, a cidade poderia ser um espaço para todos, com oportunidades, com relações construtivas nas andanças, mas é o desbravar da cidade em meio ao aglomerado que isso não acontece, nem este espaço acolhe. Bitita permanecia com uma enfermidade nas pernas e com isso apresentava uma dor que era, além da física, interna e que atrapalhava seu existir. Assim, ao expor a dor de viver na cidade, visualizamos que a vivência da protagonista deixava-a sem forças para lutar nesse lugar, e enfrentar a desigualdade e, portanto, tinha tristeza e amargura.

No trecho, a personagem apresenta a sua posição social e nos descreve o infortúnio que a impossibilitava de trabalhar na cidade e ganhar dinheiro, além de enfatizar as relações com os sujeitos do centro urbano que por “não mais servir”, foram desconstruídas e mudadas, pois a viam nesse estado apenas como um fardo. Com isso, a lógica da desigualdade acontece como um sistema estrutural que acaba desencadeando a ideia obscura de que uma mulher pobre e negra não pode ter acesso a uma educação formal e a um trabalho desejável fora dos padrões estabelecidos nos moldes dos espaços urbanos.

Nesse percurso, por meio da protagonista Bitita, a faceta da desigualdade em relação ao trabalho pode ser compreendida da questão salarial, uma vez que as diferenças salariais entre negros e brancos são nítidas, assim como a dupla jornada de trabalho, remuneração não condizente com a função exercida, a não

possibilidade de escolha em que se deseja de fato trabalhar, dentre outros aspectos. A personagem da favela marca como o pobre é vinculado à servidão, no constante processo de desemprego durante suas convivências.

E o trabalho está integralmente relacionado à ideia de não formação acadêmica e/ou da posição social que sua família ocupa o *status* que tem na sociedade. Na narrativa, a protagonista teve pouco acesso à educação formal, passando também dificuldade, julgamentos, discriminações para conseguir um trabalho e permanecer nele, as dificuldades para mulheres negras são triplicadas, quadriplicadas no espaço urbano.

Assim, de acordo com Silvio L. de Almeida (2019, p. 157) “[...] pessoas negras são discriminadas no acesso à educação, é provável que tenham dificuldade para conseguir um trabalho”. Desse modo, a mulher negra Bitita enfrenta os percalços no desbravar até a metrópole, em um sistema capitalista que manda quem tem mais poder aquisitivo. Assim a personagem vai desmascarando quando diz: “O meu serviço era cozinhar, lavar e passar. [...] me deram cinco mil-réis, deveriam me dar oitenta” (JESUS, 2014, p. 144) nesse conviver/sobreviver do trabalho: “era duro conseguir algum dinheiro” (JESUS, 2014, p. 145) essas são nuances “específicas” encontradas na cidade.

Percebemos ainda que a personagem almeja sair do espaço predestinado à mulher negra, para ter melhores condições de salário, mas tenciona a compreensão de que a sociedade atribui a desigualdade salarial ao desempenho das atividades exercidas que recaem sobre sujeitos sem ou com pouca educação formal e de cor preta (reminiscência escravocrata). Assim, a questão da desigualdade se amplia enquanto fundamento moral, já que a ideia do mérito, de fazer com eficiência, desencadeia a sua produtividade. Por esse viés, uma cadeia econômica tomará de conta das condições básicas de Bitita, como a falta de uma moradia confortável, e demais direitos do cidadão que, na prática, não chega a toda população.

Falar acerca de trabalho no que tange à economia, essencialmente está falando sobre desigualdades. Tanto que ao percebermos a referência do trabalho enquanto poder aquisitivo pois os que têm dinheiro são os ricos e os que não têm são os pobres, consideramos assim, como a sociedade se organiza, logo como são classificados os sujeitos. Nisso, a protagonista narra: “Que vontade de morar numa rua calçada e com luz elétrica. Mas as ruas que eram calçadas, iluminadas, eram para os ricos. A luz dos pobres eram as lamparinas a querosene e o ferro a carvão”

(JESUS, 2014, p. 82). Assim, são as vivências na diferenciação destas “marcas” sociais e políticas na própria localização, por meio das construções arquitetônicas.

O problema é que as condições de Bitita não são melhores em virtude do trabalho, das (não) oportunidades, pois não “ajudam” a protagonista quanto à produtividade eficiente, bastando um olhar mais atento para captar as suas “faces” cidadinas como fator de exclusão social. E quanto à desigualdade naturalizada e sentida, o lugar que ocupa na sociedade é apenas aquilo que deseja ser, encobrendo o restante, mas que “desclamufa” com a personagem.

Então, é nesse espaço urbano que as mulheres negras estão inseridas, alocadas nos trabalhos de baixa remuneração pela falta de produtividade eficiente atrelado às questões formais acerca da educação, na ideia de não saber executar algumas tarefas por causa do julgo de serem de baixo grau intelectual e racional. No caso da protagonista, por sua vez entendi que esse era o lugar onde a sociedade a colocava, jogava para fora, completando o ciclo de discriminação, dificultando suas possibilidades de conseguir uma casa, um lugar para chamar de seu. Nesse modelo, a desigualdade fará um contraponto com a igualdade, à ideia meritocrática de que o indivíduo possa concorrer livremente entre si, de que Bitita teve a oportunidade de trabalhar no centro urbano.

Seguindo com a narrativa, a protagonista alude ao viver do sujeito como animais, fazendo menção ao duro trabalho que mesmo com o fim da escravidão, as condições de trabalho ainda trazem resquícios dessa época que ao fim do dia ainda são discriminados, sem direitos, os outros os exploram, tendo uma vida sofrida, de “açoites”. Com isso, para conseguirem a moeda de troca enfrentam muitas dificuldades pelo caminho, uma vez que as atividades de trabalho que encontram não são remuneradas o suficiente para que estes garantam os direitos mínimos como alimentação e moradia, pois muitos conseguiam a “mistura” por causa do matadouro em que as crianças pegavam pedaços de animais para alimentar toda a família. Ou seja, a vida dos pobres não era valorizada, os restos dos animais (bois, porcos) serviam para as pessoas sobreviverem, com os mesmos “miúdos dos animais” (JESUS, 2014, p.99). Tais alimentos, rejeitados por alguns sujeitos do estrato social, servem de comida para os marginalizados, o que para alguns era refugio, para outros “era um banquete” (JESUS, 2014, p.99).

Todavia, o que é mais impressionante é a enorme vontade da protagonista de querer sair do destino traçado para a população negra, de desbravar, ficar livre, e

sair daquele lugar com tantas restrições, brigas, e pessoas alcoolizadas. Ou seja, um lugar que parecesse menos angustiante, pois o estar “dentro” cotidianamente com essas vivências/convivências causa a desesperança de modificar o lugar naturalizado. Com isso, a protagonista nos diz: “Não me agradava aquele modo de vida dos pobres. Não podia nem classificar aquilo de vida, sofriam mais do que os animais. Que luta para conseguir dinheiro nas cidades do interior” (JESUS, 2014, p. 98). Percebemos que as experiências da personagem ficam elucidadas quando nos descreve o desconforto de viver em um meio sem valorização, questões essas que envolvem a falta de investimento na formação educacional dos indivíduos.

E assim, apesar das experiências negativas no cotidiano de Bitita, bem como de outros personagens, a educação sempre foi algo urgente para ela. O juízo de liberdade também passava pela compreensão de formação educacional. A desigualdade educacional ganha proporções gigantescas por assumir um papel destinado apenas para homens brancos, e para os outros apenas o confronto de os escutar. O espaço segregado alude a uma jornada intelectual para os considerados “excepcionais”, que destina quem pode ou não traçar o curso do intelecto, particularmente os grupos marginalizados não têm, aparentemente, perspectivas de verem a “luz no fim do túnel” para que possam melhorar seu futuro.

Assim, em alguns momentos a valorização é equivalente a uma negação, pois, nesse princípio criam-se máscaras, um reboco para pôr sobre o “buraco” escondendo esse lugar desigual. A partir do querer mudar de Bitita em: “encontrar um trabalho com melhor remuneração” (JESUS, 2014, p. 205), visualizamos que as transformações relativas à pobreza estão diretamente ligadas à questão da educação da personagem. Começamos a perceber que ao cair da máscara, ou à menor rachadura no reboco, aparecem as cicatrizes veladas por anos de escravidão dos sujeitos negros no Brasil, o que vai fomentar na protagonista ir em busca de ter seus direitos assegurados, a igualdade prescrita na lei. E é por meio desse observar dos espaços não valorizados socialmente da periferia que fica aparente o desrespeito com as minorias, os empecilhos enfrentados e que no meio disso, muitos tiram vantagens de sua posição.

Ao discutir essas estreitas relações entre a oportunidade de estudo do outro e a possibilidade de melhores condições de vida, notamos como o lugar situa a diferença e o privilégio na cena sociocultural. No romance, encontramos ambientes, nos quais a personagem não é “bem-vinda”, pois não são lugares predestinados às

mulheres negras, como o espaço escolar, tidas como minorias nas salas de aula. Acerca disso, o trecho elucida como não foi fácil o convívio de Bitita na escola: “Quando eu olhava os quadros dos esqueletos, o meu coração acelerava-se. Amanhã, eu não volto aqui. Eu não preciso aprender a ler. É que eu estava revoltada com os colegas de classe por terem dito quando eu entrei: - Que negrinha feia!” (JESUS, 2014, p.125). Essa leitura corrobora a linguagem dominante do espaço dedicado a quem dele pode desfrutar.

Essa mesma tendência revela-se no debate brasileiro sobre as cotas raciais, quem pode ter acesso à educação formal? Embora a ideia de desigualdade passe pelas questões educacionais, muitos ainda são contra as políticas de cotas. Isso se destaca porque no Brasil o lugar da escola/da universidade por muito tempo foi um lugar de privilégio, feito para pessoas brancas, mas com a democratização do ensino básico e também das universidades isso mudou um pouco. Assim, o olhar de Bitita, bem como a pesquisa com o contexto do romance de Carolina Maria de Jesus, tem impactos ideológicos na percepção da divisão social e política.

Ao mesmo tempo, a construção da personagem enquanto mulher negra passa por certas divergências no meio escolar, pois para ter acesso ao mínimo de educação formal precisou demonstrar resiliência e inteligência. Desse modo, o que faz falta para ela é a continuação dos estudos sem a necessidade de mostrar o esforço e capacidade de superação do homem branco. A isto Hooks (2017) considera que os espaços escolares que são para promover o pensamento crítico fomentam, em alguns momentos, as falhas da divisão de classe e apagamento de indivíduos. Assim, essas características de exclusões desembocam em sintomas prejudiciais durante o viver nos lugares, bem como o acesso a certos patamares de alguns sujeitos em meio à sociedade.

Nesse movimento, a problemática da educação para a mulher negra Bitita, de precisar “provar” o seu conhecimento, suas habilidades no espaço de desigualdade traz uma espécie de condição conjecturada no sofrimento individual. Seja no trabalho, ou outro lugar no meio citadino, a falta de frequentar a escola acarretou em dificuldades para com ela e por alguma razão subjetiva não conseguiu suportar o peso econômico e político do preconceito em sua trajetória.

Podemos ver que a leitura de Bell Hooks (2017), ao que lendo Paulo Freire, a pesquisadora vai entender a educação libertadora fomentada por meio de estratégias de “conscientização” em sala de aula, de perceber todos os participantes

ativos. Pensando assim, a prática da educação só se torna liberta quando todos se apossam do conhecimento como se todos plantassem/regassem o saber.

Em virtude disso, a educação libertadora é cultuada no romance por meio de Bitita no olhar consciente e crítico que a escola poderia ter possibilitado outros caminhos. E, apesar da noção de agir e refletir sobre o conhecimento de mundo não ser acessível de maneira significativa, a protagonista ativamente modifica o lugar por dele fazer parte. Apesar dessa mudança, continuou aprendendo de forma individual, era autodidata, por meio da leitura dos mais variados livros possíveis, para assim melhorar seu conviver por meio do argumento e do conhecimento crítico. O que também sugere a vivência íntima da escritora Carolina na metrópole de São Paulo quando aponta para o fato de que o conhecimento não está apenas nos livros, mas também dentro do viver no mundo, como diz Dalcastagnè:

[...] não deixa de ser interessante notar que Carolina Maria de Jesus, ao fim da vida e já tão desgastada da cidade com a qual tanto sonhou, tenha escolhido fechar seu livro com a expectativa da chegada em vez de usar a frustração que a acompanhava nos últimos tempos. (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 293).

Com isso, em *Diário de Bitita*, a partir da experiência de Carolina Maria de Jesus, percebemos que a personagem Bitita expressa em relato que a pedagogia engajada, embasamos com Hooks (2017), necessariamente valoriza a participação do discente como fator revelador para se construir o conhecimento. E quando percebemos a educação libertadora na práxis de alunos, compreendemos também que os professores dela fazem parte. Nesse objetivar, a desigualdade se afirma quando a protagonista não pode mais frequentar a escola porque precisa trabalhar e ganhar dinheiro para se sustentar.

Com este argumento, traremos Tânia Pellegrini (2004, p. 24) “a literatura, como sabemos, ao imobilizar ou fixar a vida por meio do discurso, transforma-a em representação”. Assim, no sentido de que na narrativa de Carolina Maria de Jesus, notamos uma desigualdade escancarada, com discursos socialmente naturalizados no tocante à meritocracia, e o quanto a sua voz fala de um lugar distintamente não alcançado pelas camadas privilegiadas, com isso uma legitimidade no relato por meio do percorrer espaços.

Sendo assim, esse percurso sobre a questão da desigualdade em relação à educação e ao trabalho apresenta nuances de vozes subalternizadas, de quem rege os sujeitos sem valorizar suas experiências, realidades e diferenças, os excluídos da sociedade. Quanto à protagonista, sua voz, sua presença em espaços como o escolar que traz no decorrer consequências em virtude da falta de estudo, nos faz pensar a importância da crítica feminista, e com isso o acesso a um outro olhar da construção social do Brasil.

Assim, os espaços desbravados por Bitita mostram o quanto o não acolhimento é amargo em determinados momentos. A partir daqui, iremos adentrar um pouco mais no espaço desigual quando à personagem, mulher negra, percorre esses lugares, e mostra o quanto sua voz é suprimida, considerando que subalternizadas têm que “gritar” mais forte do que qualquer outro para serem percebidas, respeitadas e ouvidas.

## **2.2 “Pode a subalterna falar”<sup>4</sup> no espaço de desigualdade?**

A personagem Bitita, no desbravar do espaço de desigualdades, com pouca educação formal e a falta de oportunidades para um trabalho digno, provoca-nos a refletir que o meio social em que vive exige algumas peculiaridades do padrão exigido para caber nos lugares. A protagonista sente essa falta em relação a ter “mais estudo” e um emprego desejável para visualizar uma vida financeiramente mais tranquila e novas possibilidades de escolhas, o que nos condiciona a questionar, onde está a “voz” do sujeito quando não pertence ao grupo dos privilegiados no centro urbano?

Esse questionamento, baseado nas percepções de Spivak (2010), sobre o sujeito subalterno, tenciona-nos a entender a protagonista como mais um sujeito heterogêneo, cuja voz é mais uma em meio à multidão a ser ouvida. Com a pesquisadora, compactuamos com o entendimento de que a camada mais baixa da sociedade é construída em meio às exclusões do capital, da política e da possibilidade de se fazer membro do estrato social. E mais, desse lugar

---

<sup>4</sup> GRADA, Kilomba. *Memórias da plantação*-episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019.

marginalizado entender que não se pode falar por esses sujeitos, mas nos unirmos à causa de construções de discursos inclusivos e práticos.

Dessa forma, ao problematizar a subalternidade de Bitita, que atrelada à fala de um coletivo, não é constituir apenas um objeto de análise, mas questionar o lugar ocupado por esses sujeitos, naturalmente silenciadas e/ou esquecidas no meio social dominante. E partimos da cumplicidade intelectual que criamos espaços para essas vozes.

Ao refletimos sobre a história da protagonista, da falta de oportunidade que uma mulher negra encontra em meio ao aglomerado da cidade, sem seus direitos garantidos no espaço de exclusão da favela, vemos a personagem se inquietar com a casa em que vivia. Cogitamos sobre esses sujeitos que lutam para que a sua voz ecoe por lugares longínquos, o que podemos também entender no romance como um ato de resistência, de se fazer presente no espaço:

Às quatro horas cheguei na cidade de Sales de Oliveira. Andando pelas ruas vi um anúncio na janela de uma casa: “Precisa-se de uma empregada”. Resolvi pedir o trabalho. Expliquei para a patroa que eu podia lavar a roupa, encerrar a casa, limpar os vidros, e ela podia me pagar vinte mil-réis por mês. Ela aceitou-me. Que alegria! Eu também ia ter uma patroa. Já não era relegada. (JESUS, 2014, p.174)

Percorrendo o espaço urbano a procura de trabalho, Bitita, que não trabalha há certo tempo, precisa da moeda de troca, aborda o lugar intricado e ocupado pelas mulheres negras no contexto patriarcal e social e, logo, não pode “falar”, por isso decide aceitar a vaga. Apesar de ser um trabalho bastante desgastante, pois são muitas as tarefas a realizar, a personagem se sente “incluída” na sociedade por ter um trabalho.

Ao mesmo tempo em que consegue um trabalho, visualizando a liberdade, na cidade, notamos também a subalternidade, pois a personagem passa da possibilidade de um protagonismo para continuar a trabalhar e “ter patroa”, e ser novamente esse “outro” defendido por Spivak (2010). Ou seja, continua em um lugar em que não pode falar e quando tenta não encontra meios para ser ouvida, o máximo que lhe é permitido em um espaço não “destinado para sua posição social”, é servir.

Para tanto, Spivak (2010) mostra a sociedade por meio da história de uma mulher indiana, e no caso de Bitita vamos indagando a subalternidade por meio da supressão de oportunidades da personagem tanto na comunidade, como na fatídica metrópole por jamais ter sido aceita e acolhida por parte das entidades governamentais. Essas diferenças sociais nas relações de trabalho, e na falta de educação formal, percebidas entre funcionários e patrões, sugere a razão pela qual a protagonista não pode ser ouvida no lugar de desigualdade e exclusão que ela vivencia.

Além disso, nesses espaços sociais em que a luta por existir e poder estudar/trabalhar está localizada no desejo de acabar com as instâncias dominantes em qualquer aplicação. Bitita enfrenta situações adversas de desigualdades passando a suprimir seus desejos, o que tentamos elaborar junto com Spivak (2010) que quando a subalternizada fala, o que ela se torna? Nesse caso, se a subalternizada falasse ela não seria subalterna por ter de ser ouvida, no sentido de se tornar sujeito e de ter uma voz.

Além do mais, se a conexão entre o desejo de trabalhar e estudar é tomada como algo irrelevante, Bitita, que emerge da marginalidade, se assemelha bastante ao sujeito figurado por quem por ela fala. Esse pode ser o entendimento de sujeito ideológico, socializado na dificuldade de sobreviver em lugares essencialmente de brancos “doutores” e/ou ricos. Certamente, Bitita não é o sujeito desejante, pois esta é confrontada por perguntas sobre o que ela sabe ou não fazer: “perguntou o meu nome, a minha idade, [...] tudo o que eu sabia fazer” (JESUS, 2014, p. 175), além de, ser presa “Eu só ouvia a palavra: ‘Sumiu! Sumiu! Deve ter sido ela’. Eu estava estendendo as roupas quando vi chegarem dois soldados [...] fui presa” (JESUS, 2014, p. 145) acusada de roubos, que não cometeu “Quando o soldado ia me bater, o telefone tocou. O padre avisava que havia encontrado o dinheiro na carteira dos cigarros” (JESUS, 2014, p. 146) assim, são alguns dias de convivência da personagem nesses espaços.

A protagonista fala das margens, isso nos permite visualizar como ela chega ao espaço de exclusão, ou seja, deixar de considerar as relações entre a educação formal e o trabalho é incapacitar as habilidades enquanto sujeito, e ao mesmo tempo manter sua submissão à ideologia dos dominantes. Nisso, o pensamento de Spivak (2010) encontra o de Grada Kilomba quando menciona que a voz da subalternizada para não causar interferências no sistema social “deveria permanecer em silêncio,

como um segredo” (2019, p.55). Bitita está confinada ao silêncio, mas mesmo assim a protagonista continua falando sobre o seu convívio no ambiente de trabalho, nas suas vivências, e vai aos poucos, nos revelando como é o cotidiano de uma mulher negra em busca de trabalho e de ser ouvida.

A ausência simbólica da personagem como sujeito oprimido, ajuda-nos a entender como as estruturas de opressão não permitem que essas vozes digam o que de fato precisa ser dito. Nesse ponto, o pertencer da protagonista é sempre condicionado a terceiros, a não escuta se inter-relaciona ao espaço de permanente servir. Com isso, depois de uma longa caminhada, no passar de capítulos, ela conseguirá algum dinheiro no diálogo com outras pessoas, as suas teias de convivências vão se (des)construindo, e sua voz começa a movimentar algumas estruturas do espaço. Estar inserida almeja uma melhoria:

Eu não podia trabalhar na cidade por não ter roupas. Na roça, qualquer coisa serve. A vida é simples, sem burocracia. Fui trabalhar na fazenda do senhor Nhonhô Rasa. Ele era surdo. Mas muito educado com os colonos. Eu era pajem. Quanto leite, queijo e verduras! As empregadas me criticavam dizendo: - Você é uma idiota, deixar a cidade para vir trabalhar no mato. (JESUS, 2014, p.193)

Ao argumentar que Bitita não pode falar, não estamos condicionando ao ato de falar em si, mas a dificuldade de ser ouvida em um sistema repressivo, como nos alerta Grada Kilomba (2019) ao ler o texto de Spivak (2010). No trecho literário, a protagonista reconhece que a cidade, o espaço urbano, tem algumas exigências acerca da aparência, do vestir, do falar, tem algumas conveniências a serem realizadas, pois em alguns lugares um dos requisitos são as roupas ou uniformes bem afeiçoados no trabalho. Mas ela segue com o trânsito do interior para cidade porque sugere a ideia de que a mulher negra tem a capacidade de questionar discursos problemáticos, e ao mesmo tempo que se move, a terceira proposição de Massey (2008), sustenta a posição de ir além do que os outros ditavam na sociedade civilizada, apesar de na roça ter sempre uma maior liberdade acerca das vestes.

Esse posicionamento provoca espanto na concepção dos outros do território íntimo, e atribui à subalternizada o discurso de idiota por estar na fazenda e em um trabalho organizado por tiranos, e por não raciocinar o porquê de tal atitude, de

deixar de trabalhar na cidade para ficar no campo, ou como de costume, elucida Spivak (2010), de deixar a mulher entregue à própria sorte, ao domínio do branco.

A ideia de uma subalternidade que não pode ser ouvida, como explica a pesquisadora Spivak encontra-se nas “camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (2010, p. 12). O sujeito subalternizado parece que se identifica e não percebe a própria opressão sofrida e assim não fala.

No trabalho, Bitita tinha muitos afazeres domésticos nas casas dos patrões e interpretava que a profissão já destinada para as mulheres negras era a de ser cozinheira e/ou de ser babá, vivendo no quarto dos fundos. Aparentemente, uma subalternidade “silenciosa”, para usar o termo da teórica, pois a protagonista tenta ir além do que ditam, busca chegar a outros patamares, que apesar de não estar mais frequentando a escola, continua lendo, aprendendo coisas novas sozinha, como argumentos para ter/ajudar na possibilidade de falar.

Ademais, tanto Spivak (2010) como Grada Kilomba (2019) trazem afirmações em que podemos perceber os colonizados, compreendidos por muito tempo sendo aqueles incapazes de falar, e ou quando ouvidos afeitos de insatisfatórios na mesma perspectiva de serem silenciados. Bitita, enquanto pertença de um grupo marginalizado, acredita que ter o domínio da escrita e da leitura possa transformar o seu espaço, apesar de ter sido pouco o tempo que passou na escola almeja a outras perspectivas sociais. O que configura um “risco” para a classe de brancos que ignora os seus direitos, passando a negar o que de fato é dela e a marginaliza para que o comando da linha se mantenha o mesmo. A isso, Horst Nitschack descreve como os sujeitos ganham alguns rótulos:

Uma reação frequente de parte das potências hegemônicas frente às políticas de empoderamento é a criminalização dos sujeitos emergentes, cujas aspirações de ascender ao poder correm permanentemente o risco de ser identificadas como violentas. (NITSCHACK, 2018, p. 217)

Horst nos convida a pensar mais uma vez em quem detém o poder que este criminaliza determinados sujeitos e os seus espaços, questionam suas políticas de empoderamento, dentre outros os colocando à margem. Porém, esses lutam contra

a dor do não pertencer, do não tornar criminoso por querer existir em um lugar. Como Bitita, esse indivíduo julgado como periférico/violento, que ainda não conseguiu alcançar a sala de estar continua no quatinho dos fundos, pois é visto como uma ameaça em meio à sociedade em virtude dos rótulos e das regras criadas por uma classe dominante.

Igualmente, a subalternidade vai sendo apontada como algo comum nas comunidades menos favorecidas da sociedade já que em certos espaços a exclusão de sujeitos desemboca na vertente de cúmplices voluntários da dominação, sugerida em algumas narrativas da literatura brasileira, como Bitita. No romance, a personagem, uma mulher pobre e negra, não se enquadra nas “normas” de alguns espaços, ficando restrita no caminhar, mas dele deseja fazer parte, enquanto em outros não lhe são permitido adentar, como nas casas em que trabalhava como empregada, uma vez que sua relação/contato era apenas o suficiente para saber a tarefa dos patrões, o que evidencia os espaços de desigualdades nas suas inter-relações de trabalho.

Dessa maneira, o convívio de uma mulher no meio social enfrenta nuances em que seus direitos são negados como diz a pesquisadora Grada Kilomba (2019, p. 51): “o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido”. Com isso, e como frisado nessa pesquisa, a personagem fala, mas a sua voz segue não tendo nenhuma validação para aquele meio, no ambiente de trabalho e da escola. A protagonista é invisibilizada, desqualificada como sujeito social.

As ações da personagem desde o interior até a metrópole, seu último espaço, performa na narrativa as várias formas de desigualdades vividas que, de certa maneira, preenchem os momentos da personagem conferidos pela condição de subalternidade ligada aos sentimentos de amargura na cidade “grande” e o “vencer no mundo” cercado de situações difíceis, de espaços de lutas.

É desnecessário romantizar o sujeito subalternizado, mas é necessário viabilizar perspectivas para recuperar seu ponto de vista. Quando Bitita nos mostra: “Tive sorte, fui trabalhar numa casa rica. Que palacete suntuoso! Que vontade de residir numa casa bonita [...] Era sonhar com o impossível. Eu tinha a impressão de que estava sobrando neste mundo” (JESUS, 2014, p. 197), percebemos a própria ausência do centro. Isso significa que precisamos dos “ditos brancos” para repensar

na recuperação da voz da subalternizada, haja vista que a sociedade é constituída por espaços heterogêneos.

Assim, para a protagonista, esse impossível é algo fora de suas possibilidades de se realizar, ou seja, dela ter uma casa, adquirir um imóvel com um tamanho razoável, pois seu convívio de peregrina, e as condições de trabalho não lhes permitem ter um bem comprado com a moeda de troca, como se não houvesse um espaço onde os subalternizados possam de fato falar, estes como algo sem serventia para a sociedade.

Nesse ponto, ressaltamos que a voz (ou vozes) vinda das margens tem sido sistematicamente desqualificada, mas que a personagem continua falando e ganhando ecos, como frisa Kilomba (2019, p. 50) “De repente, aquelas/es que, em geral, não são vistas/os tornam-se visíveis, enquanto aquelas/es sempre vistas/os tornam-se invisíveis”. No entanto, de ambos os lados, esses sujeitos são capturados na vivência violenta da sociedade assim, nesse sentido trazendo a experiência de Bitita para os espaços de trabalho e escola, tampouco se valoriza o seu conhecimento e sabedoria, sua voz é sufocada e violentada, tornando-a invisível no estrato social. A protagonista traz as suas experiências nesse meio subalterno e fala das suas subjetividades/vivências ser diferente dos outros que vivem no centro, essa grita as suas dores por não poder ser o que gostaria.

Ainda sobre a questão da subalternidade, as mulheres negras poucas vezes são protagonistas de suas histórias, têm sempre outro querendo falar por elas, mesmo com todo o aporte para protagonizar o espaço, este não lhe é ofertado, afinal quem fala apresenta sempre uma melhor versão, geralmente na história cabe ao homem hétero e branco. Ademais, tanto Spivak/Kilomba, quanto Bitita nos provoca a refletir, repensar, sobre essa sociedade brasileira marcada por uma questão de classe e de gênero, sendo a mulher o que mais se silencia e, no caso da personagem, vai além, por ser pobre e negra, notadamente, a falta de espaço para falar são ainda maiores, uma vez que apenas serve aos patrões.

O *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, mostra-nos o lugar do sujeito subalterno ditado pela classificação da sociedade urbana, branca e dominante. Tal observação ilustra a ordem de interesse do homem branco, tido como o provedor de conhecimento, ao elogiar a protagonista: “Que alegria que senti. Puxa, os brancos comentando que eu sou inteligente! Isto para mim é uma honra. Então eles falavam de mim lá fora”. (JESUS, 2014, p.187). O comentário funciona como uma máscara

que silencia a voz da Bitita e transparece o encantamento de “pertencer” que anima a personagem, o viver, o outro lado (às margens) causa sensações diversas, pois o sujeito branco permite que os direitos da personagem sejam esquecidos, o que levará a demissão do emprego. O lugar de classe alta, que controla os direitos sociais na cidade, posiciona o interesse próprio, e a mulher negra é vista apenas em um momento de utilidade para esse sistema.

Há tempos se tem produzido Literaturas por grupos que fogem do poder, com recursos próprios, advindo dos coletivos e de organizações sociais pelas próprias vozes envolvidas. Assim, conhecemos Conceição Evaristo? Miriam Alves? E Carolina Maria de Jesus? Estas adentram em quais espaços? Acadêmico ou não acadêmico? Nesse viés temos uma agenda erudita que regula quem pode ou não entrar no cânone e em alguns espaços. Considerando a potência do protagonismo da autora que construiu uma protagonista/narradora, há um agenciamento da nova visão social na tarefa de descolonizar o pensamento/conhecimento. Claro que ainda temos a concepção de que a estética literária deve se permanecer intacta, exclusivamente voltada para quem nos colonizou.

Portanto, o que encontramos na academia, nem sempre é de fato um verdadeiro texto literário aos moldes canônicos, mas sim o resultado de anos de desigualdades de quem pode ocupar esses lugares. O romance chama atenção para a marginalização aferida não só à personagem, com um cenário de julgamentos e rótulos por causa de sua posição social, mas também o acesso ao protagonismo de Bitita rejeitada em dois movimentos: na experiência de vida, na ficção e no argumento da ciência acadêmica. E, é por meio das argumentações da protagonista, em cada passo dado, apresentando o estigma da mulher negra subordinada aos padrões brancos, que vamos entendendo a reprodução das relações de subalternidade, até onde ela pode ir qual linha/caminho seguir e construir suas relações no trajeto para a “sala de visitas” ou qualquer outro espaço que almeje entrar.

Pode ser com a literatura de *Diário de Bitita* (2014), de Carolina Maria de Jesus, que iniciamos a descolonização do conhecimento. Os episódios vividos no romance extrapolam as nuances de mulheres negras e pobres na tentativa de desconstruir sua posição de exclusão e subalternidade, de resistir a partir do lugar que é negado, seja por meio do ambientar escolar ou do trabalho.

Da margem ao centro, é necessário existir para enfrentar a desigualdade, em outras palavras, a margem não pode ser apenas o lugar de não privilégio, em que a personagem silencia para se fazer bem-vinda nesses espaços e nas relações com o centro civilizado, mas sim como espaço de possibilidades. Afinal, a margem para “as Bititas” é local de nutrição da capacidade de registrar a opressão, de poder imaginar um lugar alternativo.

Nesse estudo que envolve os espaços, é urgente compreender os questionamentos da periferia/margem para podermos contradizer as implicações ruidosas da história, e Bitita pode ser um primeiro passo para entender a vivências desses sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Diário de Bitita* (2014), da escritora mineira Carolina Maria de Jesus, como *corpus* dessa análise, apresenta temas e contextos atemporais na literatura brasileira contemporânea. Então, o ato de repensar o cânone brasileiro a partir dos escritos de mulheres se faz urgente e essencial para pensarmos no corpo acadêmico que regula o que é texto literário enquanto merecedor de leitura e análise. O que também configura novos olhares para as desigualdades impostas aos sujeitos que estão às margens.

Em virtude disso, procuramos com este estudo argumentar que o espaço de desigualdade pode ser representado por meio do ambiente de trabalho e de uma educação formal que possibilita outras oportunidades aos sujeitos advindos das camadas mais baixas da sociedade, como Bitita. Considerando isto, tentamos mostrar a necessidade de repensar no estrato social de quem detém o poder e que nega os direitos mínimos a um sujeito em certos lugares, como foi o caso da protagonista ao trabalhar em uma casa como empregada doméstica. E como outras mulheres negras, a experiência da realidade difere das pessoas brancas e, portanto, interpretada como lugares de exclusão.

Obviamente falar sobre a subalternidade da personagem é falar das dores e das decepções vividas nesses lugares. É quase impossível pensar em espaços em que a subalterna possa falar, sem pensar em um sistema de sociedade disposto a escutá-la. Nesse sentido, é preciso demarcar esse ambiente de disputa, primeiro por ser mulher, segundo por ser preta e sua condição ser a de pobre. Essa falta de pensamento simboliza a posição de Bitita na constante tentativa de desbravar, de tentar ser acolhida e assim conseguir outras oportunidades, o que fica evidente o sentimento de “vencer o mundo” em uma sociedade “homogênea”.

A pesquisa mostrou ainda, a partir das leituras de Spivak (2010) e Kilomba (2019), que as vivências da personagem convivendo com a invisibilidade fere o ato de falar em si, já que ela é encoberta com a capa do silêncio e da exclusão e que estar à mercê desse meio desigual. Para tanto, autora do romance traz à luz questionamentos históricos e culturais que dialogam com as experiências dos sujeitos subalternos, bem como tentamos entender que estes conseguem articular o

que desejam falar, mas que o regime repressivo, representado por quem mora na metrópole, não permite e/ou não deseja que o lugar se modifique.

A ideia de um espaço de desigualdade encontra-se primeiro na naturalização do lugar da personagem e como essa se identifica com a ideia de ter patrão, de servir como empregada doméstica, vivendo no quarto dos fundos. Segundo, o desbravar de uma subalternizada de forma silenciosa, aparentemente, menos humana do que os dominadores, a busca de novas experiências, mas incapaz de se fazer pertencer nesses espaços não autorizados. Assim, o trajeto da protagonista saindo da periferia até a metrópole do progresso (São Paulo) ligará o não dito pela história e pelas ideologias construídas, formando um eixo que segura e ajuda a movimentar as convivências sociais dos sujeitos.

Em *Diário de Bitita* (2014), de Carolina Maria de Jesus, bem como outros romances da escritora brasileira, faz questionarmos as manobras ocultas por trás da sociedade elitista e branca, assim, como a imagem de um espaço heterogêneo como estabelecedor de uma “civilizada sociedade”. Dessa forma, refletir sobre essas outras ideias, por meio do fluir de uma literatura tirada da estante, implica trazer das margens para o centro, do “quartinho da bagunça”, diferentes provocações no intuito de fomentar diversas possibilidades para que mais e mais sujeitos possam se libertar do estigma de subalternidade. Nesse cenário, Bitita, portanto, é sinônimo de resistência.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Sueli Carneiro, São Paulo, Pólen, 2019. p. 264.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um espaço contestado**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n.44, p. 289-302, jul/dez. 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182014000200014&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182014000200014&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 22 set. 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes. 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014. 208 p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – episódios do racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira, 1. ed. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019. 248 p.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

NITSCHACK, Horst. Afetos e poder na literatura marginal: *Cidade de Deus e Manual prático do ódio*. In: DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura e resistência**. Regina Dalcastagnè, Bertoonni Licarão, Patrícia Nakagome. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2018. p. 213-226.

PELLEGRINI, Tânia. **No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n 24. Brasília, julho-dezembro de 2004, p.15-34. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9003/8022>. Acesso em: 22 set. 2020.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. *In*: DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura e exclusão**; Org: Regina Dalcastagnè, Laetícia Jensem Eble; P. 29-41. Zouk, Porto Alegre, RS, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133 p.